

O NOME E A NATUREZA DA LITERATURA COMPARADA*

René Wellek

A expressão ‘literatura comparada’ tem suscitado tanta discussão, tem sido interpretada de modos tão diferentes e freqüentemente tão mal interpretada, que pode ser útil examinar-lhe a história e tentar distinguir seus significados nas principais línguas. Somente então se pode esperar definir sua exata extensão e conteúdo. Lexicografia e ‘semântica histórica’ serão nosso ponto de partida. Além disso, uma breve história dos estudos comparativos deve levar a conclusões significativas para os nossos dias. ‘Literatura Comparada’ ainda é uma disciplina e uma idéia sujeitas a controvérsia.

As duas palavras usadas separadamente não parecem causar problema. ‘Comparative’ ocorre no *Middle English*, obviamente derivado do latim *comparativus*. É usado por Shakespeare quando Falstaff chama Prince Hal de ‘o mais comparativo, o mais velhaco, doce jovem príncipe.’¹ Francis Meres, já em 1598, utiliza o termo no título de ‘A Comparative Discourse of Our English Poets with the Greek, Latin and Italian Poets’.² O adjetivo aparece nos títulos de vários livros dos séculos XVII e XVIII. Em 1602, William Fulbecke publicou *A Comparative Discourse of the Laws*. Encontro também *A Comparative Anatomy of Brute Animals*, em 1765. Logo no ano seguinte, seu autor, John Gregory, publicou *A Comparative View of the State and Faculties of Man with Those of the Animal World*. O bispo Robert Lowth, em suas *Lectures on the Sacred Poetry of the Hebrews*, escritas em latim (1753), formulou bastante bem o ideal do estudo comparativo:

Devemos ver tudo com os olhos deles [isto é, dos antigos hebreus]: avaliar tudo por suas opiniões; devemos esforçar-nos ao máximo para ler hebraico como os hebreus teriam lido. Devemos agir como os astrônomos com relação a esse ramo de sua ciência, que é chamado comparativo, os quais, para formar uma idéia mais perfeita do sistema geral e suas diferentes partes, se imaginam como se estivessem passando através de todo o universo e explorando-o, migrando de um planeta para outro e tornando-se, por algum tempo, habitantes de cada um deles.³

Em sua pioneira *History of English Poetry*, Thomas Warton anunciava, no prefácio do primeiro volume, que apresentaria ‘um levantamento comparativo da poesia de outras nações.’⁴ George Ellis, em seu *Specimens of Early English Poets* (1790), fala de estudiosos de coisas antigas cujo ‘engenho freqüentemente tem tido sucesso em detectar e extrair de crônicas medievais, através de crítica comparativa, muitas particularidades concernentes ao estado da sociedade e ao progresso das artes e costumes.’⁵ Em 1800, Charles Dibdin publicou, em cinco volumes, *A Complete History of the English Stage, Introduced by a Comparative and Comprehensive Review of the Asiatic, the Grecian, the Roman, the Spanish, the Italian, the Portuguese, the German, the French and Other Theatres*. Ai se formula plenamente a idéia principal, mas a combinação ‘literatura comparada’ propriamente dita parece ocorrer pela primeira vez somente numa carta de Matthew Arnold em 1848, na qual diz: ‘Quão evidente é agora, ainda que a atenção às literaturas comparadas nos últimos cinquenta anos pudesse tê-lo ensinado a qualquer um, que a Inglaterra está, num certo sentido, muito aquém do Continente.’⁶ Mas isto era uma carta particular, publicada somente em 1895, e ‘comparada’ significa aqui pouco mais do que ‘comparável’. Em inglês, o uso decisivo foi o de Hutcheson Macaulay Posnett (um advogado irlandês que mais tarde se tornou professor de Literaturas Clássicas e Inglesa no University College, em Auckland, Nova Zelândia), que pôs a expressão no título de seu livro em 1886. Como parte da Série Científica Internacional de Kegan Paul, Trench and Trübner, o livro despertou algum interesse e recebeu, por exemplo, uma boa crítica de William Dean Howells.⁷ Posnett, em um artigo ‘A Ciência da Literatura Comparada’, alegava ‘ter sido

* WELLESK, René. The Name and Nature of Comparative Literature. In: —. *Discriminations: Further Concepts of Criticism*. New Haven: Yale University Press, 1970, p. 1-36.

o primeiro a definir e ilustrar o método e os princípios da nova ciência, e de não apenas tê-lo feito no Império Britânico, mas no mundo.⁸ É claro que isso é um disparate, mesmo se limitarmos ‘literatura comparada’ ao sentido específico que Posnett lhe atribuiu. A expressão inglesa não pode ser discutida independentemente de termos análogos na França e na Alemanha.

Pode-se explicar o uso tardio da expressão em inglês se nos dermos conta de que a combinação ‘literatura comparada’ encontrava resistência na Inglaterra porque o termo ‘literatura’ havia perdido seu significado anterior de ‘conhecimento ou estudo de literatura’ e havia passado a significar ‘produção literária em geral’, ou ‘o conjunto de escritos de um período, país ou região’. Este longo processo está completo hoje, o que se evidencia pelo fato de que o Professor Lane Cooper, da Universidade de Cornell, se recusou a denominar o departamento que chefiava nos anos 20 de ‘Literatura Comparada’ e insistia que devia ser de ‘Estudo Comparativo de Literatura’. Ele a considerava uma ‘expressão espúria’ que ‘não tem sentido nem sintaxe’. ‘Uma pessoa poderia permitir-se igualmente dizer ‘bata-tas comparadas’ ou ‘vagens comparadas’’.⁹ Mas no uso mais antigo de inglês, ‘literatura’ significa ‘saber’, e ‘cultura literária’, especificamente conhecimento de latim. *The Tatler* se ex-prime judiciosamente em 1710: ‘É vão tentar esconder-se, por frouteirice, no refúgio das línguas eruditas. A literatura apenas torna o homem mais eminentemente aquilo que a natureza o fez.’¹⁰ Boswell diz, por exemplo, que Baretti era ‘um italiano de considerável literatura’.¹¹ Tal uso sobreviveu até o século XIX, quando James Ingram deu uma aula inaugural sobre a *Utility of Anglo-Saxon Literature* (1807), querendo dizer a ‘utilidade de sabermos anglo-saxão’, ou quando John Petherham escreveu *An Historical Sketch of the Progress and Present State of Anglo-Saxon Literature in England* (1840), onde ‘literature’ deve significar, por certo, o estudo da literatura. Mas esse uso já era anacrônico: ‘literatura’ já tinha assumido então o significado atual de conjunto de escritos. O *Oxford English Dictionary* registra a primeira ocorrência em 1812, mas essa data é tardia demais: a verdade é que o uso moderno penetrou na Inglaterra no final do século XVIII, provindo da França.

De fato, o significado de ‘literatura’ como ‘produção literária’ ou ‘conjunto de escritos’ fez reviver um uso da Antigüi-

dade tardia. A princípio, *literatura*, em latim, é simplesmente uma tradução do grego *grammatike* e às vezes significa a capacidade de ler e escrever, ou até uma inscrição, ou o próprio alfabeto. Mas Tertuliano (que viveu de cerca de 160 a 240 d.C.) e Cassiano con-trastam literatura secular com bíblica, pagã com cristã, *literatura* com *scriptura*.¹²

Este uso do termo volta à tona somente nos anos 30 do século XVIII, competindo com os termos *litterae*, *lettres*, *letters*. Um exemplo antigo é a série de François Granet *Réflexions sur les ouvrages de littérature* (1736-40). Voltaire, em *Le Siècle de Louis XIV* (1751), sob o título do capítulo ‘Des Beaux Arts’ usa *littérature* com uma referência imprecisa, junto com ‘eloquência, poetas, e livros de moralidade e divertimento’, e em outro ponto do livro, fala em ‘littérature légère’ e nos ‘genres de littérature’ cultivados na Itália.¹³ Em 1759, Lessing começou a publicar *Briefe die neueste Literatur betreffend*, onde claramente literatura se refere a um conjunto de escritos. O fato de que os *Essais sur divers sujets de littérature et morale* (1735-54), de Nicolas Trublet, tenham sido traduzidos para o alemão como *Versuche über verschiedene Gegenstände der Sittenlehre und Gelehrtensamkeit* (1776)¹⁴ ilustra bem que o uso ainda era incomum naquela época.

Este uso da palavra ‘literatura’ designando toda produção literária, que ainda é um dos significados que lhe atribuímos, foi, muito cedo, nacionalizado e localizado, no século XVIII. Foi aplicado às literaturas francesa, alemã, italiana e veneziana, e quase ao mesmo tempo o termo perdia sua abrangência original, tendo-se estreitado o seu significado para nomear o que hoje chamá-riamos de ‘literatura da imaginação’, poesia e prosa imaginativa, ficcional. O primeiro livro que exemplifica esta dupla mudança é, até onde sei, *Discorso sopra le vicende della letteratura*, de Carlo Denina (1760).¹⁵ Denina não se propõe discutir ‘o progresso das ciências e das artes, que não são, propriamente, uma parte da literatura’; ele falará de obras de saber somente quando pertencem a ‘bom gosto e eloquência, quer dizer, a literatura’.¹⁶ O prefácio do tradutor francês fala de uma literatura italiana, inglesa, grega e latina. Em 1774 foi publicado em Leghorn um *Essai sur la littérature russe*, de N. Novikov, e há uma referência bastante localizada com a *Storia della letteratura veneziana*, de Mario Foscarini (1752).

O processo de nacionalização e, se assim posso dizer, estetização da palavra, é belamente ilustrado em *Idea della letteratura alemanna*, de A. de Giorgi-Bertòla (1784), uma edição ampliada da anterior *Idea della poesia alemanna* (1779), tendo a mudança de título sido necessária pelo fato de a posterior incluir um relatório sobre romances alemães.¹⁷ Em alemão, o termo *National-literatur* enfoca a nação como a unidade da literatura: aparece pela primeira vez no título *Beiträge zur Geschichte der teutschen Sprache und Nationalliteratur*, de Leonhard Meister (1777), e persiste através do século XIX. Algumas das mais conhecidas histórias literárias alemãs o trazem em seus títulos: Wachler, Koberstein, Gervinus em 1835 e, mais tarde, A. Vilmar e R. Gottschall.¹⁸

No entanto, por muito tempo houve uma forte animosidade em relação à limitação estética do termo. Philariète Chasles, por exemplo, comenta em 1847: “Tenho pouco apreço pela palavra ‘literatura’, que me parece não significar coisa alguma; é o resultado de adulteração intelectual.” A palavra lhe parece ligada à tradição greco-romana de retórica. E “algo que nem é filossófia, nem história, nem erudição, nem crítica — algo que não sei o que é: vago, impalpável e enganoso.”¹⁹ Chasles prefere “história intelectual” a “história literária”.

O mesmo processo se verificou em inglês. Algumas vezes ainda é difícil distinguir entre o antigo significado de literatura como cultura literária e uma referência a um conjunto de escritos. Assim, já em 1755, o Dr. Johnson queria criar *Annals of Literature, Foreign as well as Domestic*. Em 1761 George Colman, pai, pensava que “Shakespeare e Milton parecem ser os únicos autores de primeira linha, em meio ao destroço geral da antiga literatura inglesa.”²⁰ Em 1767 Adam Ferguson incluiu um capítulo intitulado “Sobre a História da Literatura” em seu *Essay on the History of Civil Society*. Em 1774, numa carta, o Dr. Johnson disse desejar que “o que é imerecidamente esquecido de nossa velha literatura pudesse reviver”;²¹ e John Berkenhout, em 1777, deu, como subtítulo à sua *Biographia Literaria, A Biographical History of Literature*, em que propunha oferecer “uma idéia concisa do nascimento e do progresso da literatura”. O prefácio da *Literary History of the Troubadours*, de De la Curne de Sainte-Palaye, traduzida em 1779 por Susanna Dobson, refere-se aos trovadores como “os pais da literatura moderna”; e James Beattie,

em 1783, deseja rastrear o surgimento e a ascensão do romance²² a fim de lançar luz sobre “a história e a política, os costumes e a literatura dessas últimas épocas”.²³ Houve livros como *A View of Ancient History, Including the Progress of Literature, and the Fine Arts*, de William Rutherford (1788), *Sketches of a History of Literature*, de Robert Alves (1794) e *An Introduction to the Literary History of the 14th and 15th Centuries*, de Andrew Philpot (1798), que reclama que “não há nada que faça mais falta na literatura inglesa” do que “uma história do renascimento das letras.” Contudo, pode-nos surpreender o fato de que o primeiro livro com o título *A History of English Language and Literature* tenha sido um pequeno manual escrito por Robert Chambers em 1836, e que o primeiro professor de língua e literatura inglesa tenha sido o Reverendo Thomas Dale, no University College, da Universidade de Londres, em 1828.²⁴

Assim, a mudança de significado do termo “literatura” atraiu a adoção da expressão “literatura comparada” em inglês, ao passo que “política comparada” manifestamente defendida pelo historiador E. A. Freeman em 1873,²⁵ era inteiramente aceitável, bem como “gramática comparada”, que figurava na página-título de uma tradução da *Comparative Grammar of Sanskrit, Zend, Greek, etc.*, de Franz Bopp, em 1844.

Na França a estória foi diferente: lá, *littérature* continuou por longo tempo a significar estudo literário. Voltaire, em seu artigo inacabado sobre *Littérature* para o *Dictionnaire philosophique* (1764-72), define literatura como “um conhecimento das obras de gosto, ligeiras noções de história, poesia, eloquência e crítica”, e a distingue da “belle littérature”, que se relaciona a “objetos de beleza, a poesia, eloquência e história bem escrita.”²⁶ Seu seguidor, Jean-François Marmontel, que escreveu os principais artigos literários para a grande *Encyclopédie*, coligidos como *Eléments de littérature* (1787), usa *littérature* com o significado claro de “um conhecimento de *belles lettres*”, que ele contrasta com erudição. “Com espírito, talento e gosto” — declara — “podem-se produzir obras de engenho, sem qualquer erudição, e com pouca literatura.”²⁷ Dessa forma, foi possível no início do século XIX formar a combinação *littérature comparée*, aparentemente sugerida pela famosa *Anatomie Comparée*, de Cuvier (1800), ou pela *Histoire comparée des systèmes de philosophie*, de Degérando (1804). Em 1816, dois compiladores, Noël e

Laplace, publicaram uma série de antologias de literatura clássica, francesa e inglesa, tendo por título, jamais usado antes, sem qualquer explicação: *Cours de littérature comparée*.²⁸ Charles Pougens, em *Lettres philosophiques à Madame *** sur divers sujets de morale et littérature* (Paris, 1826) reclamava não haver obra sobre os princípios da literatura que lhe parecesse recomendável: “un cours de littérature comme je l'entends, c'est-à-dire, un cours de littérature comparée.” (p. 149).

Entretanto, quem tornou corrente o termo na França foi, sem dúvida, Abel-François Villemain, cujo curso sobre a literatura do século XVIII fez um enorme sucesso na Sorbonne no fim dos anos 20. Em 1828-29, esse curso foi publicado em 4 volumes, com o título de *Tableau de la littérature française au XVIII^e siècle*, contendo até as reações elogiosas da platéia (“Calorosos aplausos. Risos”). Ai ele usa várias vezes *tableau comparé, études comparées, histoire comparée*, mas também *littérature comparée*, louvando Chancelier Daguesseau por seus “vastes études de philosophie, d'histoire, de littérature comparée.”²⁹ Na segunda série de palestras, *Tableau de la littérature au moyen âge en France, en Italie, en Espagne et en Angleterre* (2 volumes, 1830), ele torna a falar de “amateurs de la littérature comparée”, e no prefácio da nova edição, em 1840, Villemain, não sem razão, se vangloria de que aí, pela primeira vez na universidade francesa, se fez uma tentativa de “análise comparada” de várias literaturas modernas.³⁰

Depois de Villemain, a expressão passou a ser usada com relativa frequência. Philartète Chasles proferiu uma aula inaugural na Athénée em 1835, e na versão impressa na *Revue de Paris* o curso é chamado de “Littérature étrangère comparée”.³¹ Adolphe-Louis de Puibusque escreveu, em dois volumes, uma *Histoire comparée de la littérature française et espagnole* (1843), onde cita Villemain, o secretário vitalício da Academia Francesa, como quem definira a questão. O termo *comparative*, contudo, parece ter competido por algum tempo com *comparée*. J. J. Ampère, no seu *Discours sur l'histoire de la poésie* (1830), fala da “histoire comparative des arts et de la littérature”,³² porém mais tarde usa também o outro termo no título de sua *Histoire de la littérature française au moyen âge comparée aux littératures étrangères* (1841). O texto decisivo em favor da expressão *littérature comparée* é o artigo bem tardio de Sainte-Beuve, um elogio fu-

nebre a Ampère, publicado na *Revue des deux mondes*, em 1868.³³

Na Alemanha, a palavra “comparativo” foi traduzida por *vergleichend* em contextos científicos. Em 1795, Goethe escreveu “Erster Entwurf einer allgemeinen Einleitung in die vergleichende Anatomie”.³⁴ *Vergleichende Grammatik* foi utilizado por August Wilhelm Schlegel numa resenha em 1803,³⁵ e o livro pioneiro de Friedrich Schlegel *Über Sprache und Weisheit der Inder* (1808) empregava *vergleichende Grammatik*³⁶ destacadamente como um programa de uma nova ciência que expressamente evocava o modelo de “vergleichende Anatomie”. O adjetivo se tornou comum na Alemanha para etnologia, e mais tarde para psicologia, historiografia e poética. Mas, exatamente como ocorreu em inglês, houve dificuldade em associá-lo à palavra “literatura”. Até onde sei, Moriz Carrière, em 1854, no livro *Das Wesen und die Formen der Poesie* é quem usa pela primeira vez a expressão *vergleichende Literaturgeschichte*.³⁷ Surpreendentemente, a expressão *vergleichende Literatur* figura no título de um periódico esquecido, editado por Hugo von Meltzl, na remota cidade de Klausenburg (hoje Cluj, na Romênia): o seu *Zeitschrift für vergleichende Literatur* circulou de 1877 a 1888. Em 1886, Max Koch fundou, na Universidade de Breslau, um *Zeitschrift für vergleichende Literaturgeschichte*, que sobreviveu até 1910. Von Meltzl enfatizava que sua concepção de literatura comparada não se limitava à história e, nos últimos números de seu periódico, mudou o título para *Zeitschrift für vergleichende Literaturwissenschaft*.³⁸ Sendo um termo relativamente novo em alemão, *Literaturwissenschaft* foi adotado no início do século XX significando o que geralmente chamamos “crítica literária” ou “teoria da literatura”. O novo periódico alemão *Arcadia* é chamado de *Zeitschrift für vergleichende Literaturwissenschaft*.

Não é necessário traçar a história dos termos em outros lugares. Em italiano, a expressão *letteratura comparata* é clara e facilmente formada a partir do modelo francês. O grande crítico Francesco De Sanctis ocupou uma cátedra denominada *Della letteratura comparata* em Nápoles, desde 1872 até sua morte em 1883.³⁹ Arturo Graf tornou-se o titular da mesma cátedra em Turim em 1876. Em espanhol, a expressão *literatura comparada* parece ser ainda mais recente.

Não estou bem certo sobre quando a expressão é usada pela

primeira vez nas línguas eslavas. Alexander Veselovsky, o maior *comparatista* russo, não a empregou em sua aula inaugural como Professor de Literatura Geral em São Petersburgo, em 1870, mas fez uma resenha do novo periódico de Koch em 1877 e aí usou a expressão *sравнително литературоведение*, calcado em *vergleichende Literaturwissenschaft*.⁴⁰ Na Universidade de Praga criou-se em 1911 uma cátedra chamada *srovnávací literatura*.

Ainda que incompleta ou até mesmo levemente incorreta nos detalhes, esta história dos termos nas principais línguas poderia tornar-se mais significativa se tratada no contexto da competição com termos rivais. "Literatura comparada" ocorre naquilo que os semanticistas chamaram de "campo de significação". Aludiu-se aqui a "saber", "letras" e "*belles lettres*" como termos rivais de "literatura". "Literatura universal", "literatura internacional", "literatura geral" e "literatura mundial" são os que competem com "literatura comparada". "Literatura universal" ocorre no século XVIII e é usado bem amplamente em alemão: há um artigo, de 1776, que discute *eine Universalgeschichte der Dichtkunst*, e em 1859 um crítico propôs "*eine Universalgeschichte der modernen Litteratur*".⁴¹ "Literatura geral" existe em inglês: James Montgomery proferiu *Lectures on General Literature, Poetry, etc.* (1833), nas quais "literatura geral" significa o que chamáramos de "teoria da literatura" ou "princípios de crítica". O Reverendo Thomas Dale, em 1831, tornou-se Professor de Literatura e História Inglesa no Departamento de Literatura Geral e Ciência no King's College, da Universidade de Londres.⁴² Na Alemanha, J. G. Eichhorn editou uma série de livros intitulada *Allgemeine Geschichte der Literatur* (1788 e anos seguintes). Houve compilações similares: Johann David Hartmann, *Versuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie* (2 volumes, 1797 e 1798), Ludwig Wachler, *Versuch einer allgemeinen Geschichte der Literatur*, em 4 volumes (1793-1801), e a enorme compilação bibliográfica de Johann Georg Grässe, *Lehrbuch einer allgemeinen Literaturgeschichte* (1837-57).

A expressão "literatura mundial", *Weltliteratur*, foi usada por Goethe em 1827 ao comentar uma tradução de sua peça *Tasso* para o francês, e depois diversas vezes, algumas das quais em sentidos ligeiramente diferentes: ele pensava numa só literatura mundial, unificada, na qual as diferenças entre as literaturas individuais desapareceriam, embora soubesse que isto era uma pos-

sibilidade bastante remota. Em um rascunho, Goethe iguala literatura "européia" a "mundial", decerto provisoriamente.⁴³ Existe um conhecido poema de Goethe, "*Weltliteratur*" (1827), que, ao contrário, enumera os encantos da poesia popular e que, na verdade, teve seu título adulterado pelo responsável pela edição póstuma de 1840.⁴⁴ A história do conceito foi bem estudada.⁴⁵ Atualmente literatura mundial pode significar simplesmente toda a literatura, como no título de muitos livros, tais como o de Otto Hauser, ou pode significar uma lista de excelentes obras de muitas línguas, como acontece quando se diz que este ou aquele livro ou autor, pertence à literatura mundial: Ibsen pertence à literatura mundial, enquanto Jonas Lie, não; Swift pertence à literatura mundial, enquanto Thomas Hardy, não.

Da mesma maneira que o uso preciso da expressão "literatura mundial" é ainda passível de discussão, o uso de "literatura comparada" tem suscitado debates quanto a sua abrangência exata e a seus métodos exatos, que ainda não foram solucionados. É inútil ser dogmático em assuntos como este, na medida em que as palavras têm o significado que os autores lhes atribuem, e nem um conhecimento de história, nem o uso comum podem evitar mudanças ou até distorções completas em relação ao significado original. Ainda assim, clareza em assuntos como este evita confusão mental, ao passo que ambigüidade ou arbitrariedade excessivas conduzem a perigos intelectuais que podem não ser tão sérios quanto chamar quente de frio, ou comunismo de democracia, mas que dificultam o entendimento e a comunicação. Pode-se distinguir, primeiramente, uma definição estrita, estreita. Van Tieghem, por exemplo, a define assim: "O objeto da literatura comparada é, essencialmente, o estudo de diversas literaturas em suas inter-relações."⁴⁶ Guyard, em seu manual que segue de perto Van Tieghem em termos de doutrina e conteúdo, chama a literatura comparada de "a história de relações literárias internacionais".⁴⁷ e J.-M. Carré, em seu prefácio ao livro de Guyard, a denomina como "uma ramificação da história literária; é o estudo de relações espirituais internacionais, de contatos fáticos que existem entre Byron e Pushkin, Goethe e Carlyle, Walter Scott e Vigny, entre as obras, as inspirações e mesmo as vidas de autores que pertencem a diversas literaturas."⁴⁸ Podem-se encontrar formulações semelhantes em outros lugares, como no volume de literatura comparada da série *Problemi ed orientamenti*, de Mo-

migliano (1948), onde Anna Saïtta Revignas se refere à literatura comparada como "uma ciência moderna, centrada na pesquisa dos problemas relacionados com as influências exercidas reciprocamente por várias literaturas."⁴⁹ Fernand Baldensperger, o líder reconhecido da escola francesa, no programático artigo introdutório do primeiro número da *Revue de littérature comparée* (1921), não arrisca uma definição, mas concorda com uma limitação inerente ao conceito: ele não vê utilidade em comparações que não envolvam "um encontro verdadeiro" que tenha "criado uma dependência".⁵⁰ Mas seu artigo de fato põe em discussão muitos problemas mais amplos, deixados de lado por seus seguidores.

Num sentido mais abrangente, "literatura comparada" inclui o que Van Tieghem chama de "literatura geral". Ele limita "literatura comparada" a relações "binárias" entre dois elementos, ao passo que "literatura geral" diz respeito à pesquisa dos "fatos comuns a várias literaturas".⁵¹ Pode-se, entretanto, argumentar que é impossível traçar uma linha divisória entre literatura comparada e literatura geral, entre, por exemplo, a influência de Walter Scott na França e o nascimento do romance histórico. Além disso, a expressão "literatura geral" se presta a confusão: já foi entendida como teoria literária, poética, princípios de literatura. Literatura comparada, no sentido estrito de relações binárias, não se pode constituir como uma disciplina significativa, já que teria de lidar apenas com "o comércio exterior" entre literaturas e, em decorrência, com fragmentos de produção literária. Não permitiria tratar da obra de arte individual. Seria (como aparentemente Carré se contenta em pensar) uma disciplina estritamente ancilar da história literária, com um objeto de estudo fragmentado, disperso, e sem nenhum método próprio. O estudo da influência, digamos, de Byron na Inglaterra não pode, metodologicamente, diferir de um estudo da influência de Byron na França, ou de um estudo do byronismo europeu. O método de comparação não é específico da literatura comparada: é ubíquo, está presente em qualquer estudo literário e em qualquer ciência, seja social, seja natural. Nem tampouco o estudo literário, mesmo na prática dos mais ortodoxos comparatistas, utiliza apenas o método comparativo. Qualquer autor especializado em literatura não apenas haverá de comparar, mas de reproduzir, analisar, interpretar, evocar, avaliar, generalizar, etc., tudo isso em uma única página.

Existem outras tentativas de definir a abrangência da literatura comparada, acrescentando algo específico à definição estreita. Assim, Carré e Guyard incluem o estudo de falsas impressões nacionais, as idéias que as nações têm umas das outras. Carré escreveu um livro interessante sobre *Les Écrivains français et le mirage allemand* (1947), que é psicologia ou sociologia nacional retirada de fontes literárias, mas mal chega a ser história literária. Um livro como *La Grande Bretagne dans le roman français: 1914-1940*, de Guyard (1954) é *Stoffgeschichte* levemente distorcida: uma lista dos clérigos, diplomatas, escritores, coristas, homens de negócios ingleses que figuram em romances franceses de uma dada época.

Menos arbitrária e mais ambiciosa é a tentativa recente de H. H. H. Remak no sentido de expandir a definição de literatura comparada. Ele a define como "o estudo da literatura além dos limites de um país específico, e o estudo das relações entre a literatura, de um lado, e, de outro, as outras áreas de saber e de crença, tais como as artes, a filosofia, a história, as ciências sociais, a ciência, a religião, etc."⁵² Mas Remak é forçado a fazer distinções artificiais e insustentáveis, como entre um estudo da relação de Hawthorne com o calvinismo, rotulado de "comparado", e um estudo de seus conceitos de culpa, pecado e expiação, reservado à literatura "americana". Todo esse esquema soa a algo engendrado com um propósito puramente prático numa facilidade americana, onde uma pessoa pode precisar justificar um tema de tese como pertencente a "literatura comparada", antes que colegas pouco compreensivos se ressentiam de incursões em suas áreas específicas de competência. No entanto, como definição, ela não sobrevive a um exame mais rigoroso.

Numa dada época da história, decisiva para o estabelecimento da expressão em inglês, literatura comparada era entendida como significando algo ao mesmo tempo muito específico e muito largamente abrangente. No livro de Posnett, significa "a teoria geral da evolução literária, a idéia de que a literatura passa por estágios de incipiência, culminância e declínio."⁵³ A literatura comparada se insere numa história social universal da humanidade, "a gradativa expansão da vida social, do clã à cidade, da cidade à nação, destas duas à humanidade cosmopolita."⁵⁴ Posnett e seus seguidores são tributários da filosofia evolucionista de Herbert Spencer, hoje quase completamente esquecida nos estudos literários.

Finalmente, propôs-se a idéia de que a literatura comparada pode ser mais bem defendida e definida por sua perspectiva e espírito, ao invés de sê-lo por qualquer setorização circunscrita no interior da literatura. Ela estudará qualquer literatura de uma perspectiva internacional, com uma consciência da unidade de toda criação e experiência literárias. Nesta concepção (que também é a minha), literatura comparada é idêntica ao estudo de literatura independente de fronteiras linguísticas, étnicas e políticas. Não pode limitar-se a um único método: em seu discurso, descrição, caracterização, interpretação, narração, explanação, afação usam-se tanto quanto comparação. Nem tampouco pode a comparação limitar-se a contatos históricos reais. Pode haver, como a experiência da linguística recente deveria ensinar a estudiosos de literatura, tanto valor em comparar fenômenos como línguas ou gêneros historicamente não relacionados, quanto em estudar influências que se podem descobrir a partir da evidência da leitura ou de paralelos. Um estudo de métodos narrativos ou formas líricas chineses, coreanos, birmaneses e persas é certamente tão justificável quanto o estudo de contatos fortuitos com o Oriente, exemplificados em *Orphein de la Chine*, de Voltaire. Nem pode a literatura comparada ficar confinada à história literária, excluindo a crítica e a literatura contemporânea. A crítica, como argumentei muitas vezes, não se pode divorciar da história, uma vez que não existem fatos neutros em literatura. O simples ato de fazer uma escolha entre milhões de livros impressos é um ato crítico, e a escolha dos traços ou aspectos sob os quais um livro pode ser tratado é igualmente um ato de crítica e de julgamento. A tentativa de traçar linhas divisórias precisas entre o estudo de história literária e literatura contemporânea está fadada ao fracasso. Por que deveria uma data determinada ou até mesmo a morte de um autor decretar repentinamente que um tabu deixou de existir? É possível impor tais limites no sistema centralizado da educação francesa, mas em outros lugares eles são irrealis. Nem pode a abordagem histórica ser considerada o único método possível, mesmo para o estudo do passado nebuloso. As obras literárias são monumentos, não documentos. São imediatamente acessíveis hoje em dia; desafiaram-nos a buscar uma compreensão em que pode figurar o conhecimento do cenário histórico ou do lugar que ocupam numa tradição literária, mas não de maneira excludente ou exaustiva. As três principais ramificações do estu-

do de literatura — história, teoria e crítica — implicam-se mutuamente, do mesmo modo que o estudo de uma literatura nacional não pode ser separado do estudo da totalidade da literatura, pelo menos em tese. A literatura comparada pode florescer, e o fará, somente ao se desvencilhar de limitações artificiais e se transformar simplesmente em estudo de literatura.

O significado e a origem destas distinções e controvérsias se tornarão mais claros se olharmos para a história dos estudos comparados sem dar importância ao nome ou a definições. H. H. Renak, numa palestra no Congresso de Friburgo, Suíça, em 1964, corretamente afirmou que “não há tarefa mais urgente do que escrever e publicar uma história minuciosa de nossa disciplina.”⁵⁵ É óbvio que não posso pretender dar conta dessa exigência num espaço tão curto, mas como escrevi, vinte e cinco anos atrás,⁵⁶ a primeira e única história da historiografia literária inglesa e venho-me dedicando constantemente a escritos sobre história literária nos quatro volumes de meu *History of Modern Criticism*, posso esboçar com alguma segurança os principais estágios do desenvolvimento da literatura comparada e da literatura geral.

Se lançarmos o olhar para a Antiguidade, ficará evidente que os gregos não poderiam ter sido estudiosos comparatistas no período primitivo, pois viviam num mundo fechado, para o qual todos os outros povos eram bárbaros. Mas os romanos eram profundamente conscientes de sua dependência em relação aos gregos. No *Dialogo sobre oradores*, de Tácito, por exemplo, há um sofisticado paralelo entre oradores gregos e romanos, no qual cada escritor é equiparado ou contrastado com certo cuidado. Na *Instituição* de Quintiliano se oferece um completo desenho da história das literaturas grega e romana, que consistentemente dá atenção aos modelos gregos seguidos pelos romanos. Longino, ou quem quer que tenha escrito o tratado habitualmente chamado *Sobre o sublime*, compara brevemente o estilo de Cícero ao de Demóstenes e dá, como exemplo do Grande Estilo, o trecho do *Gênese*: “Faça-se a luz; e a luz se fez.”⁵⁷ Macrobius, nos bem posteriores *Saturnalia*, discute longamente a imitação feita por Virgílio de poetas gregos. Embora a experiência da variedade da literatura na Antiguidade seja limitada, e embora muito de sua erudição se tenha perdido — durante a Idade Média ela deve ter sido considerada efêmera ou local e por isso não digna de ser

copiada — não se deve subestimar o espectro e a intensidade da sabedoria literária da Antiguidade Clássica, especialmente em Alexandria e em Roma. Havia muita crítica textual, observação estilística e até mesmo algo que poderia agradar um comparatista moderno: preservou-se uma elaborada comparação do tema de Filoctetes em Ésquilo, Sófocles e Eurípides.⁵⁸

O Renascimento fez reviver em grande escala a erudição literária. Há uma nítida consciência histórica na própria idéia de fazer reviver o saber e da ruptura com as tradições intelectuais da Idade Média, apesar de tal ruptura não ter sido tão radical nem tão repentina como se pretendeu no século XIX. Mesmo assim, procurar precursores de métodos ou perspectivas comparativas nessa época é pouco profícuo. O que a autoridade da Antiguidade fez, muitas vezes, foi abafar a variedade concreta das tradições literárias medievais e impor, pelo menos em teoria, uma certa uniformidade. Em sua *Poética* (Genebra, 1561), Scaliger dedica todo um livro (V), “*Criticus*” (um termo novo àquela altura), a uma série de comparações de Homero com Virgílio, de Virgílio com outros gregos, de Horácio e Ovídio com os gregos em geral, sempre afirmando a superioridade dos romanos em relação aos gregos, usando trechos de vários poetas sobre os mesmos assuntos. A principal preocupação de Scaliger é com o jogo de hierarquização, e é motivado por uma estranha espécie de nacionalismo latino, interessado em denegrir tudo que fosse grego. Etienne Pasquier (1529-1615) usa o mesmo método ao comparar um trecho de Virgílio com um de Ronsard.⁵⁹ Para dar um exemplo inglês do método amplamente difundido de comparações re-
tônicas: Francis Meres, em “*A Comparative Discourse of Our English Poets with the Greek, Latin and Italian Poets*”, aqui já mencionado, equiparava, bem superficialmente, Shakespeare a Ovídio, Plauto e Sêneca.⁶⁰ A motivação da maioria dos eruditos do Renascimento era patriótica: ingleses compilavam listas de escritores com a finalidade de provar suas gloriosas conquistas em todos os campos do saber; franceses, italianos e alemães faziam exatamente a mesma coisa.

Havia também uma consciência muito eventual da existência de literatura fora da tradição ocidental. A notável *Defence of Rime*, de Samuel Daniel (1607) demonstra que ele sabia que os turcos e árabes, eslavos e húngaros usam a rima. Para ele, os gregos e os romanos não são uma autoridade absoluta, já que

mesmo os bárbaros são “filhos da natureza, tanto quanto eles”. “Só há um saber, que *omnes gentes habent in cordibus suis*, um único espírito que trabalha em todos.”⁶¹ Mas esta tolerância e universalidade de Daniel (os homens são os mesmos em todos os lugares e em qualquer tempo) ainda é completamente não-histórica.

Mais ou menos na mesma época, uma nova concepção de história literária foi proposta por Francis Bacon em seu *Advancement of Learning* (1603). A história literária deveria ser uma “história dos florescimentos, deteriorações, crises, extinções” de escolhas, seitas e tradições. “Sem isto a história do mundo se me afigura como a *statua* de Polifemo, que não tem um olho, faltando-lhe aquela parte que melhor mostra o espírito e a vida da pessoa.”⁶² Na versão latina posterior (1623), Bacon acrescenta a sugestão de que a partir do “gosto e observação do argumento, estilo e método” dos melhores livros, “o sábio espírito de uma era, como por uma espécie de encanto, deveria ser despertado e levantado dos mortos.”⁶³ É claro que Bacon não concebia a história literária primordialmente como uma história da literatura imaginativa: era, antes, uma história do saber, que incluía a poesia.⁶⁴ De qualquer modo, a proposta de Bacon ia muito além das enfaçadas listas de autores, compilações de vidas de autores, e repertórios bibliográficos, que estavam sendo organizados naquela época na maioria dos países ocidentais.

Demorou muito para que o programa de Bacon fosse posto em prática. Na Alemanha, por exemplo, Peter Lambeck (1628-1680) compilou um *Prodrromus historiae literariae* (1659), que reproduz o trecho de Bacon como uma espécie de epigrafe, mas cujo conteúdo demonstra que Lambeck não entendeu de modo algum a idéia de Bacon em relação à história intelectual universal. Ele começa com a criação do mundo, história bíblica, descreve os ensinamentos de Zoroastro, compila dados sobre filósofos gregos, etc. Tudo permanece como uma massa de saber acrítico, inerte e não digerido.⁶⁵ Se quisermos nos orgulhar do progresso em nossos estudos, recomendo examinar-se *Versuch einer Einleitung in die historiam literariam antediluvianam d.h. in die Geschichte der Gelehrsamkeit und derer Gelehrten vor der Sündflut*, de Jakob Friedrich Reimann (Halle, 1727), uma exibição de pedantismo infantil, que não demonstra nenhum senso de evidência ou cronologia além daquele que se pode extrair dos relatos do Antigo Testamento.

O acúmulo de depósitos de informação biobibliográfica atingiu proporções enormes no século XVIII. Na França, os beneditinos começaram uma *Histoire littéraire de la France* (12 volumes, 1733-62), a qual, no século XVIII, mal atingia o século XII. A *Storia della letteratura italiana*, de Girolamo Tiraboschi (14 volumes, 1772-81) ainda é admirada por sua acuidade e riqueza de informação. Um jesuíta espanhol, Juan Andrés, compilou em italiano um dos mais impressionantes repertórios de todas as literaturas, *Dell'origine, progresso, e stato attuale d'ogni letteratura* (1782-99), em sete grandes volumes, nos quais todo o mundo dos livros é dividido por gêneros, disciplinas, nações e séculos, sem nenhum senso de fluxo narrativo e com pouco senso de continuidade. A obra inglesa de história literária comparável a essas realizações do Continente é a *History of English Poetry*, de Thomas Warton (3 volumes, 1774-81). Embora na maior parte seja um repertório de excertos, um relato de manuscritos e notícias biográficas, a obra é permeada por um novo espírito. Não poderia ter sido escrita sem a idéia de progresso, sem o novo interesse tolerante pela Idade Média, e sem uma idéia (ainda que esquemática) de desenvolvimento literário.⁶⁶

A idéia de progresso, também em literatura, triunfou na “Querelle des anciens et des modernes”, que em inglês é normalmente chamada de A Batalha dos Livros. O *Parallèle des anciens et des modernes*, de Charles Perrault (1688-97), argumenta com o contraste e a comparação das orações fúnebres de Péricles, Lysias e Isócrates, com as de Bossuet, Flécher e Boudaloué, ou do panegírico de Plínio ao Imperador Trajano com o elogio de Voiture a Richelieu, ou das cartas de Plínio e Cícero com as de Guez de Balzac — sempre preferindo os franceses aos antigos.⁶⁷ O progresso na literatura, como em outras esferas, tornou-se o tema obsessivo de todo o século, embora nem sempre tenha sido ingenuamente concebido como unilateral e admita a existência de retrocessos. Para dar exemplos ingleses: até o conservador Dr. Johnson concebe a história da poesia inglesa como um avanço regular da rudeza bárbara de Chaucer à perfeita homogeneidade de Pope, que não seria passível de aperfeiçoamento nem no futuro: Warton, que gostava verdadeiramente de Chaucer e Spenser, sempre prefere as idéias de sua própria época, de discriminação, propriedade, correção e bom gosto aos encantos irregulares dos elizabetanos.⁶⁸ No entanto, Warton demonstra uma no-

va tolerância em relação à variedade da literatura e uma curiosidade por suas origens e derivações. Ele pertence a todo um grupo de eruditos do século XVIII interessados na instituição da cavalaria e do amor cortês e em seus análogos literários, o romance⁶⁹ e o lirismo cortês. Mas o novo interesse pela tradição literária não-latina era ainda pouco intenso. Homens como Warton, e os Bispos Percy e Hard sustentavam um ponto de vista que exaltava a época da Rainha Elizabeth como a idade de ouro da literatura inglesa, mas que, ao mesmo tempo, lhes permitia aplaudir o triunfo da razão em sua própria literatura “bem-educada”. Acreditavam no progresso da civilização e até no bom gosto moderno, porém lamentavam a decadência de “um mundo de bela fabulação”, que estudavam como arqueólogos exercitando um *hobby* fascinante. Animava-os um genuíno espírito histórico de tolerância, mas permaneceram distanciados e indiferentes e, assim, estranhamente estereis em seu ecletismo.⁷⁰

Em Warton e seus contemporâneos, aflorou uma nova tendência, que se vinha preparando há muito tempo. A literatura era compreendida, principalmente, como *belles lettres*, como literatura imaginativa, e não meramente como um ramo do saber, no mesmo nível da astronomia ou da jurisprudência. Este processo de especialização é ligado a toda a ascensão do sistema moderno de artes e sua clara distinção em relação às ciências e aos ofícios, e à formulação do empreendimento da estética.⁷¹ “Estética”, como termo, vem da Alemanha, inventado por Baumgarten em 1735, embora o destaque da poesia e da prosa imaginativa já houvesse sido conquistado anteriormente, em conexão com o problema de gosto, bom gosto ou de *belles lettres*, artes “elegantes”, “bem educadas” ou de qualquer outro nome por que as chamassem naquela época.⁷² Com a ênfase naquilo que denominaríamos arte da literatura, veio também a ênfase na nacionalidade, pois a poesia era profundamente embebida numa linguagem nacional, e a resistência crescente ao nivelamento cultural conquistado pelo Iluminismo acarretou uma nova volta ao passado, que inevitavelmente era medieval ou, no máximo, muito incipientemente moderno. Os críticos ingleses e escoceses do século XVIII prepararam o caminho, mas foi na Alemanha que o ideal de história literária nesses novos termos foi proposto e levado a efeito mais consistentemente. A figura decisiva foi Johann Gottfried Herder (1744-1803), que imaginou a história literária como

uma totalidade, na qual "a origem, o crescimento, as mudanças e a decadência da literatura com os diferentes estilos de regiões, períodos e poetas"⁷³ seriam evidenciados, e na qual cada literatura nacional se constituiria como a entidade básica que ele desejava defender em sua pureza e originalidade. O primeiro livro importante de Herder, *Über die neuere deutsche Literatur: Fragmente* (1767), condena a imitação, especialmente das literaturas francesa e latina, e salienta os poderes regeneradores da poesia popular. Herder recomenda coletá-la não somente entre os alemães, mas entre "os citas e eslavos, vênéticos e boêmios, russos, suecos e poloneses."⁷⁴ Desse modo, o fervoroso nacionalismo alemão levou, paradoxalmente, a uma ampla expansão do horizonte literário: toda nação toma parte, ou deveria tomar, com sua voz peculiar, no grande concerto da poesia. Ao mesmo tempo que Herder delineou um novo ideal que apenas os românticos realizaram, estava ainda muito impregnado dos conceitos de sua época. O processo literário é encarado por ele, muitas vezes, em termos de um determinismo bastante ingênuo, de clima, paisagem, raça e condições sociais. O livro de Madame de Staël, *De la littérature* (1800), com sua confiança simplória na perfectibilidade e no contraste do sul alegre e ensolarado com o norte escuro e melancólico, até na literatura, pertence ainda à história esquemática do Iluminismo.

Somente os irmãos Schlegel desenvolveram as sugestões avançadas das propostas de Herder e se tornaram os primeiros historiadores literários que, em larga escala e com sólido conhecimento, levaram avante a idéia de uma história literária narrativa universal num contexto histórico. Embora seja compreensível que estivessem interessados na Europa ocidental, expandiram, pelo menos de quando em vez, o seu interesse à Europa oriental e foram pioneiros no estudo da literatura sânscrita. O *Über Sprache und Weisheit der Indier*, de Friedrich Schlegel (1808), foi um programa usado a que, mais tarde, deu parcial continuidade A.W. Schlegel, com suas edições das epopéias indianas. Para Friedrich Schlegel, a literatura forma "um grande todo, completamente coerente e regularmente organizado, abrangendo em sua unidade muitos mundos artísticos e constituindo-se, ele próprio, em uma obra de arte específica";⁷⁵ mas esta "poesia universal progressiva" é entendida com base na literatura nacional como um organismo, como a síntese da história de uma nação: "a essência de todas

as faculdades e produções intelectuais de uma nação."⁷⁶ Infelizmente, a *Geschichte der alten und neuen Literatur*, de Friedrich Schlegel (1815) foi escrita depois de sua conversão ao catolicismo, na atmosfera da Viena de 1812, e é assim tingida fortemente pelo espírito da restauração antinapoleônica. As primeiras palavras de A.W. Schlegel em Berlim (1803-04), que traçam toda a história da literatura ocidental tendo como princípio organizador a dicotomia "clássico vs. romântico", só foram publicadas em 1884,⁷⁷ e as suas *Palestras sobre arte dramática e literatura* (1809-11) limitam-se a um só gênero e são intensamente polémicas. Ainda assim, em traduções francesa, inglesa e italiana, elas levaram a mensagem do Romantismo alemão para o resto da Europa.⁷⁸ O conceito dos irmãos Schlegel de literatura, que é definitivamente comparativo, tanto no sentido estrito quanto no lato, ainda me parece verdadeiro e significativo, apesar das deficiências de suas informações, das limitações de seu gosto e da parcialidade de seu nacionalismo.

Escreveu-se, em muitos países, por todo o século XIX, história literária schlegeliana. Com Sismondi ela penetrou na França, onde Villemain, Ampère e Chasles a experimentam. Na Itália, Emiliani Giudici, na Dinamarca, Brandes (com sua política bastante diferente), e na Inglaterra, Carlyle comparillham de suas idéias. Quando Carlyle diz que "a história da poesia de uma nação é a essência de sua história política, econômica, científica, religiosa", e quando chama a literatura de "o mais verdadeiro emblema do espírito e da maneira de ser de uma nação,"⁷⁹ faz eco aos Schlegel e a Herder. Por mais surpreendente que possa parecer, até mesmo Taine compartilha de sua percepção básica. Obras de arte "fornecem documentos porque são monumentos."⁸⁰

O conceito schlegeliano de história literária precisa ser distinguido do conceito a que eu chamaria especificamente "romântico": a visão baseada na idéia de pré-história, uma espécie de reservatório de temas, do qual deriva toda a literatura moderna e a cujas glórias ela só se compara como uma fraca luz artificial se compara ao sol. Tal visão foi estimulada pelo novo estudo de mitologia, religião comparada e filologia. Os irmãos Grimm são os expoentes máximos, os primeiros a pôr em prática uma pesquisa comparada da migração de contos de fada, lendas e sagas. Jakob Grimm acreditava que a poesia natural se compusera no

passado remoto e enevado e viera-se deteriorando à medida que se distanciava da fonte divina da revelação. Seu patriotismo é pan-teutônico, mas seu gosto abarca qualquer poesia popular, onde quer que se encontrasse: velhos romances espanhóis, *chansons de geste* francesas, epopéias heróicas sérvias, contos folclóricos árabes e indianos.⁸¹ Os Grimm estimularam, por toda parte, o estudo do que mais tarde se chamou *Stoffgeschichte*. Vale a pena ler o prefácio escrito por Richard Price para a nova edição da *History of English Poetry*, de Warton (1824), para se ver como a concepção mudou. Price defende a idéia de "literatura geral" como um imenso tesouro de temas que se espalham, se multiplicam e migram, de acordo com leis semelhantes às que se estabeleceram para a língua pela nova filologia comparada. Acrescenta que "a ficção popular é, em sua natureza, tradicional" e apresenta uma sabedoria simbólica milenar.⁸² Na Inglaterra, estudiosos como Sir Francis Palgrave e Thomas Wright dedicaram-se sistematicamente a esses estudos com grande erudição. Na França, Claude Fauriel, que traduzira canções populares gregas, é uma figura semelhante, com a diferença de que aquilo que nos irmãos Grimm era um enevado passado teutônico é rastreado por Fauriel em sua própria terra natal: o sul da França, a Provença.

Por volta de 1850, a atmosfera mudou completamente. As concepções românticas caíram em descrédito, e ideais importados das ciências naturais se tornaram vitoriosos, até na maneira de escrever história literária. Deve-se, no entanto, distinguir entre o que se poderia chamar "fatalismo", a enorme proliferação da pesquisa de fatos ou de supostos fatos, e o "cientificismo", que apelava principalmente para o conceito de evolução biológica e antevia um ideal de história literária em que se descobriam as leis da produção e da mudança literárias. A transição pode ser ilustrada de modo impressionante por *L'Avenir de la science*, de Renan, que volta os olhos para Herder, para a nova mitologia e para o estudo da poesia primitiva. "O estudo comparativo de literatura", afirma ele, demonstrou que Homero é um poeta coletivo; pôs em relevo o seu "mitismo", a lenda primitiva que está por trás dele. O progresso da história literária se deve inteiramente à sua busca das origens e daí deriva sua atenção a literaturas exóticas. O uso do método comparativo, esse "grande instrumento da crítica" é o momento decisivo.⁸³ Ao mesmo tempo, Renan está como que intoxicado de esperança no futuro da

ciência da filologia, que fixará a história da mente humana. Mas ele ainda é cauteloso (e mais cauteloso ficou quando mais velho) com respeito a quaisquer tentativas de estabelecer leis em literatura e em história, tais como buscaram Comte, Mill, Buckle e muitos outros, antes de Darwin ou Spencer.

A idéia de leis, de simetrias em literatura, retrocede à Antiguidade e foi expressa sob outra forma em esquemas especulativos do século XVIII, porém se torna uma preocupação dominante com a vitória da filologia comparada, com sua idéia de desenvolvimento, continuidade e derivação. O darwinismo e esquemas filosóficos semelhantes, particularmente o de Spencer, deram novo ímpeto à idéia de evolução e gênero, concebidos com base na analogia a uma espécie biológica em história literária.⁸⁴ Na Alemanha, Moriz Haupt defendeu uma "poética comparada", particularmente uma história natural da épica. Estudou o desenvolvimento analógico da épica na Grécia, na França, na Escandinávia, na Alemanha, na Sérvia e na Finlândia.⁸⁵ Haupt inspirou Wilhelm Scherer, que imaginou a história literária como uma morfologia de formas poéticas.⁸⁶ Muitas dessas idéias surgiram de um círculo de Berlim em torno de Steintal, que fundou o *Zeitschrift für Volkspsychologie* em 1864. Tal círculo serviu de inspiração a Alexander Veselovsky, que, ao retornar à Rússia em 1870, produziu um fluxo regular de estudos sobre a migração de temas e enredos, abrangendo todo o mundo ocidental e oriental, desde a mais remota Antiguidade até a literatura romântica. Ele visava a uma "poética histórica", uma história evolutiva universal da poesia, uma abordagem coletiva que se aproximaria do ideal de uma "história sem nomes".⁸⁷ Na Inglaterra, a influência de Spencer se fez sentir de maneira um tanto diferente. John Addington Symonds aplicou uma analogia estritamente biológica ao drama elizabetano e à pintura italiana, e defendeu a "aplicação de princípios evolutivos" à arte e à literatura também teoricamente: cada gênero segue um curso predeterminado de germinação, expansão, florescimento e apodrecimento. Devíamos ser capazes de prever o futuro da literatura.⁸⁸ O livro de Posnett, que foi crucial para o estabelecimento da expressão "literatura comparada", é outra aplicação do esquema spenceriano de um desenvolvimento social da vida comunitária para a individual. Existem muitos livros, hoje esquecidos, alguns escritos por autores americanos, que seguem a mesma tendência. *Beginnings of*

Poetry, de Francis Gummere (1901) e *The Evolution of Literature*, de A.S. Mackenzie (1911) podem servir como exemplos.

Na França, Ferdinand Brunetière foi o teórico e praticante da evolução. Tratava os gêneros como espécies biológicas e escreveu histórias da crítica, do drama e da poesia lírica franceses de acordo com este esquema. Embora se limitasse a temas franceses, sua teoria, logicamente, o levou a um conceito de literatura universal e a uma defesa da literatura comparada. Quando da Exposição Mundial de Paris, em 1900, organizou-se um Congresso de Estudos Históricos, no qual se destinou toda uma seção (muito pouco concorrida) à ‘Histoire comparée des littératures’. Brunetière inaugurou com um discurso sobre ‘literatura européia’, que invocava não somente o modelo dos irmãos Schlegel e de Ampère, mas também o de J.A. Symonds. Ao discurso de Brunetière seguiu-se o de Gaston Paris, o grande medievalista francês.⁸⁸ Ele expôs, num dramático choque de pontos de vista, a concepção mais antiga de literatura comparada — isto é, o conceito folclórico, a idéia da migração de temas e motivos pelo mundo todo. Algum tempo mais tarde, este estudo ganhou novo impulso a partir da pesquisa do folclore finlandês e se ampliou de modo a constituir um ramo do saber quase independente, relacionado à etnologia e à antropologia. Em nosso país, é hoje raramente confundido com literatura comparada. Mas jornais literários mais antigos do século XIX são cheios desses tópicos, e nos países eslavos ‘literatura comparada’ freqüentemente significa simplesmente um tal estudo de temas e motivos internacionais.

Com o declínio do evolucionismo e com a crítica à sua aplicação mecanicista lançada por Bergson, Croce e outros, e com o predomínio do esteticismo e do impressionismo do fim do século XIX, que enfatizavam de novo o criador individual, a obra de arte em sua unicidade e a literatura altamente sofisticada, esses conceitos de literatura comparada foram ou abandonados ou empurrados para a margem dos estudos literários.

O que voltou à tona foi, de modo amplo, o fatalismo herdado da tradição geral do empirismo e do positivismo, sustentado pelo ideal de objetividade científica e explicação causal. O empobrecimento organizado de literatura comparada na França conseqüiu, principalmente, um enorme acúmulo de provas de relações literárias, especialmente da história de reputações, os intermediários entre nações — viajantes, tradutores e propagandis-

tas. O que se presume, sem exame crítico, em tal pesquisa, é a existência de um fato neutro que supostamente deve ser ligado, como por um fio, a outros fatos precedentes. Mas toda a concepção de uma ‘causa’ em estudo literário é singularmente acritica: ninguém jamais pôde demonstrar que uma obra de arte foi ‘causada’ por outra, mesmo que seja possível acumular paralelos e semelhanças. Uma obra de arte posterior pode não ter sido possível sem uma que a preceda, mas não se pode demonstrar que foi causada por ela. Todo o conceito de literatura nessas pesquisas é externo e muitas vezes viciado por um nacionalismo estreito: por um cômputo de riquezas culturais, um cálculo de crédito e débito em assuntos da mente.

Não sou o único a criticar a esterilidade desta concepção. Ainda assim, minha comunicação sobre ‘A Crise da Literatura Comparada’, proferida no segundo Congresso da Associação Internacional de Literatura Comparada, em Chapel Hill, em 1958, parece ter cristalizado essa oposição.⁹⁰ Tal comunicação formulava as objeções ao fatalismo das teorias e das práticas: seu fracasso em delinear um assunto e uma metodologia específica. A comunicação suscitou infundáveis polémicas e, temo eu, infundáveis mal-entendidos.⁹¹ É especialmente lamentável a tentativa de criar um língio entre uma concepção francesa de literatura comparada e uma suposta concepção americana. É claro que eu não estava argumentando contra um país ou sequer contra uma escola local de estudiosos. Estava argumentando contra um método, não por mim mesmo ou pelos Estados Unidos, nem tampouco com argumentos novos e pessoais; simplesmente declarei o que se segue a partir de uma percepção da totalidade da literatura: que a distinção entre literatura comparada e literatura geral é artificial e que pouco se pode realizar pelo método da explicação causal, a não ser um retrocesso infinito. O que advogo, assim como muitos outros, é um distanciamento dos conceitos mecanicistas, fatalistas, herdados do século XIX, em benefício da verdadeira crítica. Crítica significa uma preocupação com valores e qualidades, com uma compreensão de textos que incorpora sua historicidade, e assim necessária da história da crítica para tal compreensão, e, finalmente, significa uma perspectiva internacional que contemple um ideal distante de história e erudição literária universal. A literatura comparada por certo deseja superar preconceitos e provincialismos nacionais, mas disso não resulta ignorar

ou minimizar a existência e a vitalidade das diferentes tradições nacionais. Precisamos nos acautelar contra escolhas falsas e desnecessárias: precisamos tanto da literatura nacional quanto da geral, precisamos tanto da história quanto da crítica literárias, e precisamos da perspectiva ampla que somente a literatura comparada pode oferecer.

NOTAS

- 1 Henry IV, I, 2.90.
- 2 SMITH, Gregory, ed. *Elizabethan Critical Essays*. Oxford, 1904, v. 2, p. 314.
- 3 Tradução de G. Gregory. 2 vols. Londres, 1787, v. 1, p. 113-114.
- 4 Londres, 1774, vol. 1, p. iv.
- 5 2ª ed., 2 vols. Londres, 1801, v. 1, p. 58.
- 6 RUSSEL, G.W.E., ed. *Letters*. 2 vols. Londres, 1895, v. 1, p. 8.
- 7 *Harper's Magazine*, 73 (1886), p. 318.
- 8 *The Contemporary Review*, 79 (1901), p. 870.
- 9 *Experiments in Education*. Ithaca, N.Y. 1942, p. 75.
- 10 *The Tatler* n.º 197, 13 jul. 1710.
- 11 HILL, G.B., ed. e POWELL L. F. rev. *Life of Samuel Johnson*. Oxford, 1934, v. 1, p. 302.
- 12 WÖLFFLIN, Eduard. *Zeitschrift für lateinische Lexikographie*, 5 (1888), p. 49.
- 13 GROOS, René, ed. Paris, 1947, v. 2, p. 113: "Mais, dans l'éloquence, dans la poésie, dans la littérature, dans les livres de morale et d'agrément." Cf. v. 2, p. 132 e 145.
- 14 Comentado por Herder em suas *Sämtliche Werke*. Berlin: Suphan, 1877, v. 1, p. 123.
- 15 Turin, 1760; Paris, 1776; Glasgow, 1771, 1784. A ligação com Glasgow se deve ao fato de que Denina conheceu Lady Elizabeth Mackenzie, filha do Duque de Argyll, quando seu marido exerceu funções diplomáticas em Turim.
- 16 Na página 6 do livro de Denina: "Non parleremo (...) dei progressi delle scienze e delle arti, che propriamente non sono parte di letteratura (...), al buon gusto, ed alla eloquenza, vale a dire alla letteratura."
- 17 Nápoles, 1779; Lucca, 1784.
- 18 WACHLER, Ludwig. *Vorlesungen über die Geschichte der deutschen Nationalliteratur*. 1 ed. 1818, 2 ed. 1834; KOBERSTEIN, A. *Grundriss der Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 1827; GERVINIUS, Georg Gottfried. *Geschichte der poetischen Nationalliteratur der Deutschen*, 1835-1842, 5 v.; VILMAR, A. *Vorlesungen über die Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 1845; GOTSCHALL, R. *Die deutsche Nationalliteratur des 19. Jahrhunderts*, 1881. Este termo parece ter desaparecido depois, embora se deva atentar para KÖNNECKE, G. *Bilderatlas zur Geschichte der deutschen Nationalliteratur*, 1886.
- 19 *Études sur l'antiquité*. Paris, 1846, p. 28: "J'ai peu d'estime pour le mot littérature. Ce mot me paraît dénué de sens: il est éclois d'une dépravation intellectuelle"; p. 30: "quel-

que chose qui n'est ni la Philosophie, ni l'Histoire, ni l'Érudition, ni la Critique; — je ne sais quoi de vague, d'insaisissable et d'élastique."

- 20 *Critical Reflections on the Old English Dramatic Writers. Extracted from a Preliminary Discourse to the New Edition of Massinger's Works*. Londres, 1761.
- 21 Carta do Dr. Johnson ao Rev. Dr. Horné, datada de 30 de abril de 1774. *Catalogue of the Johnsonian Collection* of R.B. Adams. Buffalo, 1921.
- 22 "Romance" no original, referindo-se às narrativas medievais, sobretudo aos chamados "romances de cavalaria". [N.T.]
- 23 BEATTIE, James. *Dissertations. Moral and Critical*. Londres, 1783, p. 518.
- 24 Sobre Dale, ver PALMER, D.J. *The Rise of English Studies*. Londres, 1965, p. 18 e seguintes.
- 25 Londres, 1873. Ver *The Unity of History*. Cambridge, 1872. Jouvando o método comparativo como "um estágio pelo menos tão grande e memorável como o renascimento da sabedoria grega e latina".
- 26 O trabalho só foi publicado em 1819, nas *Oeuvres*. Paris: Moland, 1877-85, v. 19, p. 590-592: "Une connaissance des ouvrages de goût, une teinture d'histoire, de poésie, d'éloquence, de critique (...) aux objets qui ont de la beauté, à la poésie, à l'histoire bien écrite."
- 27 *Éléments*. Paris, reimpressão de 1856, v. 2, p. 335: "La littérature est la connaissance des belles lettres (...) avec de l'esprit, du talent et du goût, il peut produire des ouvrages ingénieux sans aucune érudition et avec peu de littérature."
- 28 A Bibliothèque Nationale relaciona *Leçons françaises de littérature et de morale*, em 2 volumes, de 1816, e *Leçons latines de littérature et de morale*, em 2 volumes, 1816. *Leçons anglaises de littérature et de morale*, em 2 volumes, de 1817-1819, tem um outro coautor, Chapsal.
- 29 Nova edição, em 4 volumes. Paris, 1873, v. 1, p. 2, 24; v. 2, p. 45; v. 1, p. 225.
- 30 Nova edição, em 2 volumes. Paris, 1875, v. 1, p. 187; v. 1, p. 1.
- 31 Segunda série, 1835, v. 13, ii, p. 238-262. Em versão revista introduzindo *Études sur l'antiquité* (1840), Chasles não utiliza a expressão. Ver PICHOLS, Claude. *Philologie Chasles et la vie littéraire au temps du romantisme*. Paris, 1965, v. 1, p. 483.
- 32 Edição original de Marsella, 1830; reimpresso em *Mélanges d'histoire littéraire*. Paris, 1867, v. 1, p. 3.
- 33 Reimpresso em *Nouveaux Lundis*. 13 vols. Paris, 1870, v. 13, p. 183 e seguintes.
- 34 *Sämtliche Werke. Jubiläumsausgabe*. 40 vols. Stuttgart, 1902-1907, v. 39, p. 137 e seguintes. [vergleichend, forma de participio presente, poderia ser traduzido, aproximadamente, por "comparante" ou "que pode ser comparado". N. T.]
- 35 Resenha crítica de *Sprachlehre*, de Bernhardi, in *Sämtliche Werke*, editadas por Böcking, v. 12, p. 152.
- 36 *Sämtliche Werke*. 2ª ed. 15 vols. Viena, 1846, v. 8, p. 291, 318.
- 37 Em uma seção intitulada "Grundzüge und Winke zur vergleichenden Literaturgeschichte des Dramas". Uma nova edição de Leipzig, em 1884, recebeu o nome de *Die Poesie: Ihr Wesen und ihre Formen mit Grundzügen der vergleichenden Literaturgeschichte*.
- 38 Ver Á. Berczik. "Eine ungarische Konzeption der Weltliteratur (Hugo von Maltis vergleichende Literaturtheorie)". *Acta Literaria Academiae Scientiarum Hungaricae*. 1962, v. 5, p. 287-293.
- 39 A cátedra foi criada em 1861 e reservada ao poeta alemão Georg Herwegh, que já-mais a ocupou.
- 40 *Sobranie sochinenii*. 8 vols. São Petersburgo, 1913, v. 1, p. 18-29. Veselovsky já utilizava a expressão *sravnitelnoe izuchenie* (estudo comparativo) em 1868. Ver *Ibid.*, v. 16, p. 1

- ["ravniatelnoe literaturovedenie" significa, aproximadamente, "teoria literária comparada"; "srovnavaci literatura" quer dizer "literatura comparada".] [N. T.]
- 41 "Über die Hauptperioden in der Geschichte der Dichtkunst". *Gothisches Magazin der Kunst und Wissenschaften*, 1776, v. 1, p. 21 e seguintes; p. 199 e seguintes; uma resenha de Albert Lacroix, *Histoire de l'influence de Shakespeare sur le théâtre français*, in *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, 1859, v. 1, p. 3.
- 42 Ver nota 23, acima.
- 43 GOETHE, *Werke Jubiläumausgabe*, v. 38, p. 97, 137, 170, 278. Cf. a discussão e colêanea de trechos. STRICH, Fritz. *Goethe und die Weltliteratur*. Berna, 1946, p. 393-400.
- 44 *Werke Jubiläumausgabe*, v. 3, p. 243. Cf., para o título, p. 373.
- 45 Cf. BEIL, Else. *Zur Entwicklung des Begriffs der Weltliteratur*. Leipzig, 1915; BRANDT CORSTIUS, J. C. "De Ontwikkeling van het wereldliteratuur"; *De Vlaamse Gids*, 41, 1957, p. 582-600; BENDER, Helmuth e MELZER, Ulrich, "Zur Geschichte des Begriffs 'Weltliteratur'", *Saeculum*, 9, 1958, p. 113-122.
- 46 *La Littérature comparée*. Paris: Colin, 1931, p. 57: "L'objet de la littérature comparée est essentiellement d'étudier les oeuvres des diverses littératures dans leurs rapports les unes avec les autres."
- 47 *La Littérature comparée*. Paris. P.U.F., 1951, p. 7: "L'histoire des relations littéraires internationales."
- 48 *Ibid.* p. 5: "Une branche de l'histoire littéraire: elle est l'étude des relations spirituelles internationales, des rapports de fait qui ont existé entre Byron et Pouchkine, Goethe et Carlyle, Walter Scott et Vigny, entre les oeuvres, les inspirations, voire les vies d'écrivains appartenant à plusieurs littératures."
- 49 *Problemi ed orientamenti. Notizie introduttive*. Milão: Momigliano 1948, p. 430: "Una scienza moderna rivolta appunto ad indagare i problemi connessi cogli influssi esercitati reciprocamente dalle varie letterature."
- 50 "Littérature comparée: Le Mot et la chose". *Revue de littérature comparée*, 1, 1921, p. 1-29; p. 7: "Une rencontre réelle (...) crée une dépendance."
- 51 Van Tieghem. *La littérature comparée*, p. 170: "rapports binaires — entre deux éléments seulement"; p. 174: "les faits communs à plusieurs littératures."
- 52 STALKNECHT, N. P. e FRENZ H., ed. *Comparative Literature. Method and Perspective*. Carbondale: Southern Illinois Univ. Press, 1961, p. 3.
- 53 GATLEY, Charles M. e SCOTT, Fred N. *An Introduction to the Methods and Materials of Literary Criticism*. Boston, 1899, p. 248, resumindo Posnett.
- 54 POSNETT, H.M. *Comparative Literature*. Londres, 1886, p. 86.
- 55 "The Impact of Nationalism and Cosmopolitanism on Comparative Literature from the 1880's to the Post World War II Period." In *Proceedings of the Fourth Congress of the International Comparative Literature Association*. Haia: Mouton, 1966, p. 391.
- 56 *The Rise of English Literary History*. Chapel Hill, 1941; nova ed., Nova York, 1966.
- 57 Sobre Longino, ver GILBERT, Allan H. *Literary Criticism: Plato to Dryden*. Nova York, 1940, p. 157, 162.
- 58 De acordo com ATKINS, J.W.H. *Literary Criticism in Antiquity*. Londres, 1924, v. 2, p. 187, 331. O tratado sobre Filocteto é atribuído ou a Dio de Prusa (40-120 d.C.) ou a Dio Crisóstomo.
- 59 *Recherches de la France*, 7. Paris, 1643, p. xi.
- 60 Ver nota 2, acima.
- 61 *Elizabethan Critical Essays*, v. 2, p. 359, 372.
- 62 SPEDDING, Ellis et alii, ed. *Works*. 14 vols. Londres, 1857, v. 3, p. 329.
- 63 *Ibid.*, v. 1, p. 502-04.
- 64 Cf. FLÜGEL, Ewald. "Bacon's Historia Literaria". In *Anglia*, 21 (1899), p. 259-88.
- 65 Vi a edição de Leipzig e Frankfurt, de 1710. Depois do trecho de Bacon, ele inclui declarações semelhantes de Christopher Mylius, *De scribenda universitatis historia*, e de G.J. Vossius, *De philologia*.
- 66 Para comentários sobre Warton, ver GETTO, Giovanni. *Storia delle storie letterarie*. Milão, 1942, e o meu *Rise of English Literary History*.
- 67 JAUSS, H.R., ed. Munique, 1964, p. 256 e seguintes, 269 e seguintes, 279.
- 68 Cf. o meu *Rise of English Literary History*, p. 139 e 180 e seguintes.
- 69 Ver nota 22, acima [N.T.].
- 70 Cf. o meu *History of Modern Criticism*. 4 vols. New Haven, Yale Univ. Press, 1955, v. 1, p. 131-132.
- 71 Ver KRISTELLER, Paul Oskar. "The Modern System of the Arts". *Renaissance Thought*, 3 vols. Nova York, 1965, v. 2, p. 163-227.
- 72 Sobre estética e gosto, ver, além de histórias gerais de estética, BAUMLER, Alfred. *Kant's Kritik der Urteilskraft*. Halle, 1923, v. 1, e a introdução de SPINGARN, J.E. a *Critical Essays of the Seventeenth Century*. 3 vols. Oxford, 1908, v. 1.
- 73 *Sämtliche Werke*, v. 1, p. 294: "Den Ursprung, das Wachstum, die Veränderungen und den Fall derselben nebst dem verschiedenen Stil der Gegenden, Zeiten und Dichter lehren."
- 74 *Ibid.*, p. 266: "Scythen und Slaven, Wenden und Böhmen, Russen, Schweden und Polen."
- 75 *Lessings Geist aus seinen Schriften*. 1804, v. 1, p. 13: "ein grosses, durchaus zusammenhängendes und gleich organisiert, in ihrer Einheit viele Kunstwelten umfassendes Ganzes und einiges Kunstwerk."
- 76 *Sämtliche Werke*, v. 1, p. 11: "De Inbegriff aller intellektuellen Fähigkeiten und Hervorbringungen einer Nation."
- 77 *Vorlesungen über schöne Literatur und Kunst*. Stuttgart; Jakob Minor, 1884.
- 78 KÖRNER, Josef. *Die Botschaft der deutschen Romantik an Europa*. Augsburg, 1929.
- 79 *Works*. Edição do centenario. Londres, 1896-1899; *Essays*, v. 2, p. 341-42; *Unfinished History of German Literature*. Lexington: Hill Shine, 1951, p. 6.
- 80 *Histoire de la littérature anglaise*. 2ª ed. 5 vols. Paris, 1866, v. 1, p. xvii: "Si elles fournissent des documents, c'est qu'elles sont des monuments."
- 81 Ver o meu *History of Modern Criticism*, v. 2, p. 283 e seguintes.
- 82 Reimpresso em WARTON, *History of English Poetry*. 4 vols. Londres: Hazlitt, 1871, v. 1, p. 32-33.
- 83 Paris, 1890, p. 297: "L'étude comparée des littératures"; p. 296: "le grand instrument de la critique".
- 84 Cf. o meu "The Concept of Evolution in Literary History". *Concepts of Criticism*. New Haven: Yale Univ. Press, 1963, p. 37-53.
- 85 Para a resenha crítica de 1835, ver BEIGER, Christian. *Moritz Haupt als akademischer Lehrer*. Berlin, 1879, p. 323; ver também SCHERER, W. *Kleine Schriften*. 2 vols. Berlin: Burdach & Schmidt, 1893, v. 1, p. 120, 123, 130.
- 86 Sobre Scherer, especialmente sobre sua *Poetik*, de 1888, ver o meu *History of Modern Criticism*. 1965, v. 4, p. 297 e seguintes.
- 87 Sobre Veselovsky, ver *ibid.*, p. 278-280, e ZHIRMUNSKY, V. *Introdução a Istoricheskaya poeika*. Leningrado, 1940.
- 88 Ver o meu *History*, v. 4, p. 400-07. Cf. SYMONDS, J.A. "On the Application of Evo-

lutionary Principles to Art and Literature'. *Essays Speculative and Suggestive*. 2 vols. Londres, 1890, v. 1, p. 52-83.

⁸⁹ "La Littérature européenne". In *Annales internationales d'histoire, Congrès de Paris, 1900*. Paris, 1901, v. 6, p. 5-28; "Résumé de l'allocution de M. Gaston Paris". *Ibid.*, p. 39-41.

⁹⁰ Reimpresso no meu *Concepts of Criticism*, p. 282-295.

⁹¹ Discuto alguns desses mal-entendidos em "Comparative Literature Today". In *Comparative Literature*, 17 (1965), p. 325-337.

OS MÉTODOS DA SOCIOLOGIA LITERÁRIA*

Robert Escarpit

A literatura comparada é um dos mais eficazes esforços dos historiadores e críticos literários das duas últimas gerações para se libertarem das esmagadoras determinações doutrinárias impostas a suas pesquisas por mestres como Taine ou Lanson, na França, De Sanctis ou Croce, na Itália, para se libertarem sobretudo da alternativa em que os encerram os dois postulados do formalismo e do historicismo.

No entanto, é visível que os próprios comparatistas continuam parcialmente prisioneiros da alternativa. Minha intenção é propor aqui a sociologia da literatura não como um novo método universal de explicação ou de exposição, mas como uma espécie de ciência auxiliar incumbida de limpar e iluminar uma parte do terreno.

A antinomia formalismo-historicismo data do momento em que por um lado a literatura se desligou como arte autônoma daquilo que outrora chamávamos de letras, e hoje chamamos de cultura, para ser percebida como fato estético formal, e de outro lado a história deixou de ser descritiva para se tornar explicativa, deixou de se ater aos acontecimentos políticos para englobar em tentativas de interpretação geral todos os fatos de civilização, inclusive, precisamente, os fatos literários. Este momento pode fixar-se nos últimos anos do século XVIII. A antinomia já existe implicitamente no espírito dos teóricos do grupo de Coppel (tanto entre os Schlegel como em Madame de Staël), que foram, incontestavelmente, os fundadores da história literária moderna.

* ESCARPIT, Robert. Les méthodes de la sociologie littéraire. In: FRIEDERICH, Werner, ed. *Comparative Literature: Proceedings of the Second Congress of the ICLA*. Chapel Hill: Univ. of North Carolina Press, 1959, p. 142-49.